

PLANEJAMENTO DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DIFICULDADES E CONSEQÜÊNCIAS

*Simone Gema Pozzebon¹
Maristela da Silva Souza²*

RESUMO

Esta pesquisa visa abordar as dificuldades pelas quais os acadêmicos do curso de Educação Física da UFSM têm demonstrado quanto ao PLANEJAMENTO das atividades, falta de CLAREZA dos conteúdos propostos e conhecimento TEÓRICO-METODOLÓGICO, causando com isso o Esvaziamento das aulas de EDUCAÇÃO FÍSICA na escola de ensino básico.

PALAVRAS-CHAVES: estágios - planejamento - conteúdo - conhecimentos teórico-metodológicos.

ABSTRACT

This research look at board the difficulties for that the academics of the Physian Education course of UFSM have been showed as to activities planning, failure of the clearness of the contents proposal and theoretic-methotodologic knowledge, motivating .with this the emptying of the Physical Education classes in the schools of the basic learn.

Key -Words:**training-plainning-contents- theoretic-methotodologic knowledge**

1. CONTEXTUALIZANDO O ESTUDO

A partir da minha prática como professora de uma escola pública do município de Santa Maria/RS, a qual observo e acompanho os acadêmicos estagiários nas aulas de Educação Física, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tenho notado um grau elevado de dificuldade dos mesmos no desenvolvimento das aulas.

Dia a dia, percebo os estagiários chegar com insegurança em relação a ministrar aula para crianças.

Essa insegurança na maioria das vezes gera esvaziamento das aulas, isto é, problemas de falta de atenção por parte dos alunos no que se refere ao desenvolvimento do que é proposto, falta de perspectiva dos mesmos quanto as aulas, gerando grande frustração nos envolvidos, mais diretamente, no processo ensino aprendizagem das aulas: crianças, estagiários e professor responsável (no caso eu).

Todo este contexto apresenta-se acompanhado de uma situação, que observo freqüentemente: a falta de um planejamento para as aulas por parte dos estagiários, ou seja, uma falta de clareza em relação aos “objetivos” propostos, aos “conteúdos” a serem desenvolvidos, como também, uma falta de direção “teórico-metodológica” no desenvolvimento das aulas.

Então, uma pergunta se faz presente: Por que, essa situação acontece?

¹ Autora - Especializanda em Educação Física Escolar. UFSM, Professora da Rede Estadual de Ensino..

² Orientadora - Doutora do Curso de Especialização em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria.

Para responder a esse questionamento, ingressei na especialização na tentativa de entender essa dificuldade e, produzir conhecimento para contribuir neste processo.

Tomei conhecimento, entre outras questões, das várias abordagens ou propostas, que a área de conhecimento da Educação Física apresenta para a Educação Física escolar. Cheguei a conclusão que deveria ter um ponto de partida para encaminhar mudanças, que seria refazer o Plano de Estudo da escola, dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Realizei um estudo da obra de um “Coletivo de Autores” (1992) com o objetivo de me embasar para o processo de seleção de conteúdos, que juntamente com o Plano Político Pedagógico da escola, serviu-me para elaborar o Plano de Estudo da Educação Física para a escola.

Porém isso não foi o suficiente, os problemas continuaram acontecendo, o que me fez acreditar que seria necessário, ouvir os estagiários para melhor conhecer as suas dificuldades.

Assim, elaborei um questionário, o qual foi aplicado em duas turmas de estagiários. A primeira do currículo antigo (apliquei no 2º semestre de 2007), a segunda turma do currículo novo (apliquei no 1º semestre de 2008).

Este estudo, portanto, objetiva produzir conhecimento para a realidade de desenvolvimento dos estágios em anos iniciais, refletindo a seguinte questão: “Planejamento dos acadêmicos do curso de Educação Física na realização dos estágios iniciais: Dificuldades e Conseqüências”.

Seguimos um caminho que procurou evidenciar o nosso entendimento sobre o ato de ensinar, juntamente com os dados que demonstram a realidade do ato de ensinar dos estagiários. Posteriormente, assumimos posições frente ao entendimento de Educação Física e Esportes, dialeticamente relacionado com nossa concepção de infância. E por fim, realizamos uma análise da realidade apresentada, apresentando alguns indicativos sobre suas dificuldades e conseqüências.

No decorrer do processo de estudo, a dialética materialista se fez presente, tanto enquanto base teórica de pesquisa, como em nossa concepção de educação/Educação Física e aqui, me sinto a vontade para abrir um parêntese e justificar a escolha desta perspectiva, como especificamente, a abordagem Critico-Superadora. Quando criança, fui pequena e sem força e na quinta série a Educação Física era trabalhada de forma tecnicista/militarista. Tecnicista porque era somente o esporte que era privilegiado, e o aluno que não fosse bom para jogar era excluído. E eu sem condições físicas sofri diretamente essa discriminação, não sendo nunca convidada a jogar. Militar porque na época de sete de setembro, eram realizados ensaios para o desfile. O professor que orientava exercia uma função de comando, como um militar, inclusive expondo o aluno que não conseguisse acertar o passo da marcha. Aqui aproveito para citar professor Moacir Daiuto respondendo a um questionamento feito a ele no livro Educação Física no Brasil a história que não se conta.

Um bom professor de Educação Física, um idealista, era muitíssimo considerado na escola, muito bem aceito pelos demais colegas. Um mau professor era quase pernicioso, porque era interpretado como alguém que fazia barulho. O outro não, o outro era organizador do desfile de festa, colaborava na fanfarra, ele integrava aquela comunidade, corpo docente, administrativo, discente. O professor de Educação Física era o denominador comum. Professor que trabalha, que é honesto, aglutina... (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 191).

Apesar dessa minha experiência traumática, sempre gostei muito de ginástica, danças, formas de preservar a saúde... Aí chegou o momento de fazer o vestibular, e veio a pergunta: o que fazer?

Como o que falava mais forte em mim era o apelo ao movimento enquanto ,dança, ginástica... Restava somente uma decisão: Educação Física.

Cheguei à UFSM em 1981, com toda a expectativa de incluir-me a tudo. Mais uma vez a história repetia-se. Eu estava diante do esporte enquanto técnica. Somente passava nas disciplinas se realizasse a técnica de cada esporte. Fui realizando de acordo com minhas possibilidades físicas.

Tive ótimos professores que era na época minoria, mas conseguiram falar outra linguagem além do esporte.

Em 1985, iniciei minha vida profissional, com ensino de primeira a quarta séries do ensino fundamental, e nunca mais deixei de atuar com crianças. Também trabalhei com alunos de quinta a sétima série, apesar de ser tecnicista, até porque minha formação o era, na medida do possível evitei deixar um aluno sem participar do jogo ou então que os colegas fizessem críticas destrutivas.

Após 22 anos de magistério, cheguei à especialização (um sonho onde poderia acalmar minhas angústias enquanto professora de Educação Física). Tomei conhecimento das várias abordagens, na verdade já tinha uma visão de aulas abertas e temáticas, que tratavam a Educação Física diferentemente da tecnicista.

Identifiquei-me com a abordagem Crítico-Superadora, por ter ali valores que dão ao aluno liberdade e visão mais crítica a respeito da sua realidade social, como também, trata da cultura de movimento, tendo como linguagem a expressão corporal, expressa em temas ou formas de atividades como: jogos, esporte, danças, ginástica, lutas. Estes temas tratados na escola devem expressar um significado/sentido, correlacionando-se, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.

Trata como conhecimento uma área chamada "cultura corporal" configurada em temas corporais como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica, a capoeira (lutas), e que expressa um sentido/significado nos quais se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.

A organização curricular que desenvolve a referida lógica possibilita ao aluno exercer explicação da realidade social em termos de pensamento/reflexão desta, percebendo que a sociedade moderna não é direcionada por objetivos comuns e que tais objetivos dependem do esforço individual e sim que a sociedade caracteriza-se pelo conflito, no movimento de afirmação dos interesses de cada classe. Sob a consciência de seus interesses de classe, a classe trabalhadora buscará através da ação prática a hegemonia popular.

2. PLANEJAMENTO: O PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA NA AÇÃO PEDAGÓGICA

A partir de Padilha (2001); Vasconcellos (1995); Libâneo (1985) e Gandin (1994), em termos gerais, pode-se afirmar que planejar é um ato político de interação e linguagem/comunicação orientado para a tomada de decisões num determinado espaço social, institucionalizado ou não, destinado a projeção, programação, elaboração de roteiros, planos e/ou estratégias de ação, cuja finalidade é atingir determinados objetivos, evitando, ao máximo, qualquer tipo de improvisação.

Neste sentido, o planejamento de ensino, consiste em uma construção orientadora da ação docente, que organiza e dá direção a prática pedagógica, estabelecendo coerência entre objetivos propostos, relação estabelecida entre alunos e professor, os conteúdos selecionados para ensinar e seu trato metodológico, bem como os valores que desenvolve nos educandos. Para isso, quem planeja no caso o professor e no nosso estudo, especificamente o estagiário, deverá ter claro algumas questões, como, por exemplo, como declara Coletivo de

Autores (1992): Que projeto de sociedade e de homem deseja? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que deseja consolidar através de sua prática? Como articular suas aulas com este projeto maior de homem e sociedade? Portanto deve ser um processo realizado pelo educador no dia-a-dia, constantemente avaliado, baseado na relação entre teoria (abordagens, concepções) e a sua prática em um contexto determinado e relacionado ao Projeto Político Pedagógico. O referido Projeto é Político porque expressa intenção em determinada direção e é Pedagógico porque realiza a reflexão sobre a ação dos homens na sua realidade, o qual será norteador da ação docente.

Para Coletivo de Autores (1992), em uma organização curricular deve-se ter clareza quanto aos objetivos/função de cada disciplina curricular, para que o aluno consiga construir a visão de totalidade à medida que sintetiza a contribuição dos diferentes conhecimentos científicos para a explicação do real. Há então, relação entre matérias e currículo, aquela enquanto partes, este enquanto todo, constituindo a dinâmica curricular. Este movimento constrói uma base formada por três pólos: O trato com o conhecimento, a organização escolar e a normatização escolar.

Tais pólos se articulam afirmando/negando simultaneamente concepções de homem/cidadania, educação/escola, sociedade/qualidade de vida, construídas com base nos fundamentos sociológicos, filosóficos, políticos, antropológicos, psicológicos, biológicos, entre outros expressando a direção política do currículo (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 29).

O *trato com o conhecimento* condiz com a direção científico-epistemológica dada ao conhecimento universal transmitido e assimilada na escola e que orienta a seleção, organização e sistematização lógica e metodológica do saber escolar. No caso da proposta Crítico-Superadora, do qual a base epistemológica preocupa-se com o pensamento racional dialético, o trato com o conhecimento não se apresenta isolado no contexto escolar, mas encontra-se vinculado a *organização* da escola, em termos de tempo e espaço pedagógico, somado à *normatização* escolar em termos de normas, padrões, registros, regimentos, modelos de gestão, estrutura de poder, sistema de avaliação. Estes três pólos vinculam-se ao projeto Político Pedagógico da escola.

Freitas (2005), resume esta questão, apontando a necessidade de entendermos a relação estabelecida entre a Organização do Trabalho Pedagógico e a Organização do Trabalho Produtivo, que se expressa nas categorias objetivo/avaliação do ensino (trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula) e objetivo/avaliação da escola (organização do sistema escolar como um todo). Isso significa que o par dialético objetivo/avaliação direciona o desenvolvimento do conteúdo/método, outro par dialético importante no ato de ensinar. No par dialético objetivo/avaliação são depositados, tanto os objetivos de conteúdo, como os objetivos ligados a valores e atitudes, esses informados pela função social da escola incorporada na organização do trabalho pedagógico (ensino coletivo, seriação, homogeneização, etc).

Frente a esta discussão, o que se pretende deixar evidente é que o planejamento não se reduz a partes isoladas, que se desenvolve aleatoriamente, e sim, que esta relacionado com a totalidade do processo educativo, ou seja, deverá ter objetivos, forma e conteúdo e impreterivelmente, deverá acontecer.

2.1 A REALIDADE DO PLANEJAMENTO DOS ESTAGIÁRIOS: OS DADOS DA PESQUISA

Para melhor conhecer a realidade do processo de planejamento dos estagiários em séries iniciais do Ensino Fundamental, foi utilizado um questionário contendo seis perguntas. O mesmo foi utilizado em dois momentos: O primeiro foi aplicado no segundo semestre de 2007, em oito alunos estagiários da Prática de Ensino oriundos do currículo antigo da Educação Física (UFSM), ou seja, Licenciatura Plena, onde os alunos podem atuar tanto no âmbito escolar quanto não escolar. O segundo foi aplicado no primeiro semestre de 2008 com seis alunos do Estágio Curricular Supervisionado III da Educação Física (UFSM) do currículo novo, ou seja, licenciatura, onde os mesmos podem atuar somente na escola.

Abaixo segue as questões e, em anexo, os quadros de respostas (Quadros 1 e 2):

1º: Em que semestre tiveram contato com o tema “Planejamento”?

2º: Você faz Planejamento?

3º: Utiliza material pedagógico para realizar seu planejamento?

4º: Seleciona conteúdo a ser desenvolvido?

5º: Tens clareza em relação aos conhecimentos “Teóricos Metodológicos” ao realizar seu Planejamento?

6º: Qual sua concepção de Educação Física e Infância?

3. Um pouco da história da Educação Física/Espportes

Segundo Castellani Filho (1988), a história da Educação Física no Brasil se confunde em muitos momentos com a dos militares. Desde a criação da escola militar em 1810, com o nome de Academia Real Militar, a introdução da ginástica Alemã, no ano de 1860 através da nomeação do alferes do Estado Maior de Segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contra-mestre de ginástica da escola militar; a função, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do estado de São Paulo, o mais antigo estabelecimento especializado de todo o país-, a portaria do Ministério da Guerra de 10 de janeiro de 1922 criando o centro Militar de Educação Física, cujo enunciado em seu artigo primeiro era de dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações esportivas-centro esse que só passou a existir, de fato, alguns anos mais tarde, quando do funcionamento do curso provisório de Educação Física, somados a muitos outros fatos, como por exemplo, a marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores de Educação Física.

Para Castellani Filho (1988), além dessa influência militar, a Educação Física, também se apresentou influenciada pelos princípios positivistas que chamou para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da Ordem Social, quesito básico à obtenção do almejado Progresso. Contudo, a relação da Educação Física à Educação do Físico, à Saúde Corporal, não se deve exclusivamente aos militares. Juntou-se aos militares os médicos que, mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar a sociedade, através da família, os fundamentos próprios ao processo da reorganização daquela célula social.

Jurandir Freire Costa, em Ordem Médica e Norma Familiar (1983), reporta-se aos motivos que levaram os higienistas a assumirem uma posição de destaque, dispondo da competência médica de que eram possuidores, na construção do “Estado Agrário”.

Muito importante ressaltar que a ação desta pedagogia médica contribuiu, entre outras questões, para a transformação da família, a partir do controle higienista na família burguesa. Com isso, obtendo uma população racial e socialmente identificada com a camada branca dominante.

Segundo os higienistas a Educação Física deveria transformar homens e mulheres em reprodutores e guardiões de proles e raças puras.

O conhecimento da história da Educação Física nos mostra, que o esporte, enquanto fenômeno cultural, foi assumido pela Educação Física instrumentalizando a mesma para atingir os objetivos do sistema esportivo, entrando como “esporte na escola” nesse caso legitimando-se enquanto conteúdo hegemônico da Educação Física.

Bracht (2001) reflete porquê o esporte foi escolarizado e nos diz que vários foram os interesses que pressionaram nesse sentido, entre eles do próprio sistema esportivo com o objetivo de socializar consumidores e produzir futuros e potenciais atletas. Aliado do sistema esportivo, na maioria dos casos, foram os Estados e o Poder Público, que colocou como sua, a tarefa de intervir no sentido de que a nação, o estado e o município fossem bem representados nas disputas esportivas nos diferentes espaços, entre eles, o espaço escolar. Para o sistema esportivo interessava que a escola, ao incorporar o esporte, o fizesse de forma mais parecida com sistema esportivo. Pedagogizar o esporte tornou-se um problema para o sistema escolar, pois vai contra os princípios e a lógica que orienta as ações no âmbito do esporte de alto rendimento.

Entendemos o esporte enquanto uma construção histórico-social em constantes transformações e fruto de múltiplas determinações. Assim, o esporte tratado como conteúdo pedagógico da escola pode atribuir um significado diferente ao da sobrepujança, isto é, permitir ao aluno vivenciar formas de práticas esportivas que privilegiem a cooperação, a criatividade, a criticidade e a autonomia, ou seja, a apropriação do esporte enquanto identidade cultural. Para Coletivo de Autores (1992), o esporte deverá ser entendido como cultura corporal, construído em determinado momento, em resposta a determinadas necessidades; portanto, o sujeito não nasceu exercitando-se e praticando atividades padronizadas. “Isso quer dizer que se deve explicar ao aluno que a produção humana, seja intelectual, científica, ética, moral, afetiva etc., expressa um determinado estágio da humanidade e que não foi assim em outros momentos históricos” (p. 33). Juntamente vem a compreensão de que enquanto sujeito histórico poderá criar suas atividades/jogos que poderão vir a ser realizadas/jogadas por outras pessoas no decorrer da história, construindo desta forma novas culturas corporais.

4. Infância: desenvolvimento e aprendizagem

No sentido de produzir conhecimentos para o desenvolvimento dos estágios em anos iniciais do Ensino Fundamental, além de saberes específicos sobre a área da Educação Física, faz-se necessário dissertarmos sobre a infância com o objetivo de evidenciar nossa concepção sobre esta questão. Entendemos que elaborar intervenções pedagógicas para crianças, passa pelo conhecimento da relação entre Desenvolvimento e Aprendizagem, seus determinantes e especificidades.

Baseados em Arroyo (1994); Áries (1981) podemos dizer que, historicamente a infância e a criança foram alvos de atenção em todas as sociedades. Muitas características são padronizadas independente de tempo e lugar, mas a infância pode apresentar variações de uma sociedade a outra ou de um tempo a outro. Em algumas sociedades a criança pode trabalhar normalmente, outras sociedades ficam chocadas com essa conduta. Para

muitas sociedades as crianças devem ser felizes para outra isso não é o mais importante. Algumas sociedades admitem que grande parte das crianças pequenas morra, e tendo em vista este fato, discutem a morte com elas. Outras trabalham firmemente para prevenir as suas mortes. Algumas sociedades aplicam rotineiramente disciplina física nas crianças outras ficam escandalizadas com isso: indígenas americanos, no séc. XVII, ficaram horrorizados com as surras que os imigrantes europeus davam em seus filhos.

Assim, podemos inferir que a lista de variações, mudanças e características básicas da infância são grandes. A história da infância compõe um confronto entre o que é natural na experiência das crianças e o que é construído por forças históricas específicas, e essa confrontação merece ser melhor analisada pelo contexto educacional. Para isso, usaremos como conhecimento básico o pensamento de Vigotsky.

Para Vigotsky (1999) a história do comportamento nasce do entrelaçamento entre processos superiores, de origem sócio-histórica e os processos elementares, de origem biológica. As funções elementares devem ser o ponto de partida para o estudo do processo histórico de desenvolvimento, pois as funções rudimentares, inativas, permanecem não como remanescentes vivos da evolução biológica, mas como remanescentes do desenvolvimento histórico do comportamento. Dessa forma, tem-se a possibilidade de compreender o salto qualitativo que o ser humano realiza no processo cultural, passando de processos elementares (espontâneos) a processos elaborados e complexos de comportamentos.

Através desta forma de tratar o desenvolvimento humano, Vigotsky (1999) critica as teorias que afirmam que o desenvolvimento humano é resultado ou da maturação biológica, onde o comportamento humano encontra-se pré-formado no sujeito ou da estimulação externa, onde a natureza aparece como determinante do desenvolvimento. O conceito de desenvolvimento para Vigotsky (1999) implica a rejeição do ponto de vista comumente aceito de que o desenvolvimento cognitivo é o resultado de uma acumulação gradual de mudanças isoladas.

Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra (VIGOTSKY, 1999, p. 97).

Entretanto, para isso, Vigotsky (1999) estabelece dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real entendido como aquelas conquistas já consolidadas no sujeito e o nível de desenvolvimento potencial, que representa o que se encontra em processo de desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real indica as funções que já se desenvolveram, ou seja, que são do domínio do indivíduo. Porém, um processo de aprendizado orientado para este nível, para o que já foi atingido, torna-se ineficaz para o desenvolvimento, pois não despertará processo interno de desenvolvimento. Entre estes níveis, deve-se considerar, prioritariamente, a zona de desenvolvimento proximal que nos permite delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação. Ou seja, consiste em possibilitar que aquilo que a criança realiza hoje, com ajuda, seja realizado por ela, sozinha, tornando-se nível de desenvolvimento real.

Neste ponto de vista, o processo de ensino deve considerar tanto a influência do contexto como a história prévia da criança, a fim de produzir algo fundamentalmente novo no desenvolvimento, propiciando formas elaboradas de pensamento. Neste sentido, cria-se a necessidade de uma concepção de educação que,

enquanto forma elaborada, constituída no processo da existência humana, proporcione a superação do conhecimento cotidiano e a apropriação do saber universal objetivado e acumulado pela humanidade.

Vigotsky (1993) analisa a questão desenvolvimento e aprendizagem e diz que, na escola, ao interagir com o conhecimento legitimado historicamente e formalmente organizado, o sujeito se transforma, pois aprende a ler e escrever obtém o domínio de formas complexas de cálculos e trata com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, ou seja, interage com atividades educativas complexas que desenvolvem abstrações e generalizações que possibilitam novas formas de pensamento e, conseqüentemente, novas relações de entendimento e atuação com o mundo.

Este pensamento de Vigotsky é melhor interpretado por Rego (1995). Para a autora, segundo Vigotsky, a maturação biológica é um fator secundário no desenvolvimento das formas complexas do comportamento humano, pois essas dependem da interação da criança e sua cultura. A estrutura fisiológica humana, aquilo que é inato não é suficiente para reproduzir o indivíduo humano. É necessário o ambiente social. As características individuais (modo de agir, de pensar, de sentir, valores, conhecimentos, visão de mundo, etc.), dependem da relação dialética do ser humano com o meio material. Rego (1995) dá o exemplo do caso das “Meninas-Lobas” citado por Vigotsky, que foram encontradas na Índia, no meio de uma manada de lobos. Não conseguiam permanecer em pé, andavam com o apoio das mãos, não falavam se alimentavam de carnes cruas, não sabiam usar utensílios e nem pensar de modo lógico. A partir deste exemplo, fica claro que o desenvolvimento do ser humano, esta intimamente relacionada ao contexto histórico-cultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica através de rupturas e desequilíbrios provocadores de reorganizações por parte do indivíduo. Com a ajuda do adulto ela, as crianças assimilam as habilidades que foram construídas pela história social ao longo de milênios: ela apreende a relatar, a andar, a falar a sentar-se a mesa, a comer com talheres e conseqüentemente, a jogar, a criar regras, a relacionar-se através de sua expressão corporal.

Nesta direção, Escobar (1997) diz que o aprofundamento na história nos demonstra que a atividade prática do homem, motivada pelos desafios da natureza, desde o erguer-se da posição quadrúpede até o refinamento do uso da sua mão, foi o motor da construção da sua materialidade corpórea e das habilidades que lhe permitiram transformar a natureza. “Esse agir sobre a natureza, para extrair dela sua subsistência, deu início à construção do mundo humano, do mundo da cultura” (p. 62).

Resultante da construção histórica da nossa corporeidade, a autora, fundamentada em Coletivo de Autores (1992), declara que, hoje, dispomos de um valioso acervo de atividades expressivo-comunicativas com sentidos e significados lúdicos, estéticos, místicos e agonísticos como os jogos, a ginástica, a dança a mímica, etc.

Através do exposto, demonstramos a necessidade de uma concepção clara sobre o processo de Desenvolvimento e Aprendizagem, para que também seja possível a elaboração de um planejamento de aula, comprometido com o desenvolvimento criativo e crítico da criança, onde a Educação Física deverá dar tratamento pedagógico a seus conteúdos de ensino, de forma que sua presença na escola esteja comprometida com as diferentes práticas sociais.

5. PRESSUPOSTOS FINAIS: DIFICULDADES E CONSEQÜÊNCIAS DO PLANEJAMENTO DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REALIZAÇÃO DOS ESTÁGIOS INICIAIS

Sem a pretensão de concluir a discussão, pretendemos, a partir do exposto, apresentar alguns pressupostos finais com o objetivo de melhor esclarecer a nossa problemática de estudo, trazendo as principais dificuldades e conseqüências do planejamento dos acadêmicos do curso de Educação Física na realização dos estágios com séries iniciais.

Podemos observar através das respostas dos questionários que há poucas modificações entre um currículo e outro em relação ao tema planejamento, sendo tratado, com algumas exceções, predominantemente ,nos últimos semestres e por disciplinas afins.

Embora todos os estagiários dizem realizar planejamento, nota-se uma determinada insegurança no que condiz as demais questões do questionário e que por sua vez demonstram se realmente há um planejamento coerente e qualificado,isto é, de acordo com o Plano de Estudo ,com uma abordagem coerente com o mesmo. Em relação aos conteúdos a serem ensinados, visivelmente, existe uma falta de clareza por parte dos estagiários, que apresentam diferentes formas para o seu selecionamento, evidenciando que os mesmos são tratados de forma descontínua e deixando-os por conta do acaso. De acordo com Libâneo (1985), os conteúdos de ensino emergem de conteúdos culturais universais, constituindo-se em domínio de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade e reavaliados, permanentemente, em face da realidade social. Por isso entende-se a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física (cultura corporal) e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social.

Os estagiários citam o plano de estudo da escola como uma das formas de selecionar o conteúdo, porém, o referido plano fundamenta-se na proposta Crítico-Superadora. A aula, nesse sentido, aproxima o aluno da percepção da totalidade das atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente). Se o aluno estagiário não tem clareza em relação a abordagem Crítico-Superadora a qual é o alicerce do plano de estudo da escola, fica realmente difícil das aulas acontecerem de forma contínua, e com significado para as crianças. A partir desta proposta os conteúdos são selecionados seguindo os princípios da “relevância social do conteúdo”, o qual implica em compreender o sentido e o significado do mesmo para reflexão pedagógica escolar. Este devera estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-historicos do aluno, particularmente a sua condição de classe social, vinculando-se a outro princípio o da “contemporaneidade do conteúdo”. Isso significa que a sua seleção deve garantir aos alunos o conhecimento do que mais moderno existe no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais, bem como o avanço da ciência e da técnica e o princípio da “adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno”. Esse princípio deve levar em conta a capacidade cognitiva e a pratica social do aluno, o seu próprio conhecimento e às suas possibilidades enquanto sujeito histórico.

Em relação aos conhecimentos “Teórico Metodológicos”, como foi constatado, os estagiários não possuem clareza. A nosso ver, esta questão trata-se de um fator determinante no momento da aula, pois mesmo que os conteúdos sejam bem selecionados, devem ser desenvolvidos através da abordagem apropriada. Não é intenção, neste estudo, analisar as propostas pedagógicas em Educação Física escolar no sentido de demonstrar seus diferentes projetos teóricos, seus limites e possibilidades. Porém, defendemos que a adesão a uma determinada proposta no contexto de ensino merece, por parte do educador, a compreensão teórica de suas

didáticas específicas. Kunz (1998), usando como mediação propostas concretas de ensino, propõe um diálogo¹ entre os pesquisadores e os que atuam cotidianamente com a função de ensinar movimentos, sugerindo que estes tenham a clareza das intenções pedagógicas do ensino dessas práticas, pois, o professor deverá entender que estas propostas são permeadas por uma determinada concepção de educação, de aluno, de escola, enfim, de sociedade e mundo.

Assim, as dificuldades dos estagiários no planejamento das suas aulas tornam-se salientes quando os mesmos não possuem uma clareza em relação aos conhecimentos Teórico-Metodológica do Plano Político Pedagógico do curso de Licenciatura. Esta questão, no caso dos estagiários, poderá tornar-se mais clara e menos difícil de ser tratada, se, no seu contexto de formação, houver uma definição em relação a um plano político-pedagógico para o curso, onde se tornem claros os conhecimentos Teórico-Metodológicos dos formadores, em que as diferentes abordagens são discutidas afim de que realmente os alunos da graduação possam vivenciar, e apropriar-se, fazer uso, desses conhecimentos, e não somente em formas abstratas de discussões em uma ou outra disciplina específica.

Na questão que trata sobre a infância, observa-se que existe a predominância de uma visão desenvolvimentista/biologicista, caracterizada pelos estagiários como Educação Psicomotora, a criança é vista como um ser que passa por etapas, ou seja, fases de desenvolvimento, e não como produto e produtor do contexto social a qual está inserida. A falta de uma compreensão mais elaborada sobre a infância, torna o processo de planejamento mais difícil, trazendo uma grave conseqüência que se refere ao não atendimento dos interesses da educação infantil.

Atender ao propósito das instituições esportivas passou a ser tarefa dos programas de Educação Física escolar, onde o objetivo limitou-se em chegar às habilidades motoras desportivas, para isso, a preocupação com o controle do movimento, inclusive na fase de aprendizagem inicial. Nesse caso, através da iniciação esportiva, é reproduzida a ideologia do esporte de alto rendimento, que, uma vez adotado, não possui neutralidade, e passa a estabelecer a razão técnica, mesmo que a maiorias dos alunos sejam excluídos e oprimidos do e no processo. É na relação certo/errado, bom/ruim que se estabelece a prática pedagógica, em que o professor toma decisão, não proporcionando a problematização/contextualização dos acontecimentos.

Entendemos que a maior conseqüência de uma falta de planejamento, especificamente neste estudo, por parte dos estagiários nos anos iniciais do Ensino Fundamental, se estabelece na falta de relação em teoria e prática no âmbito da Educação Física escolar, o que leva a área a desenvolver uma prática pedagógica pragmática e simplista.

Como nos declara Escobar (1997), as relações sociais capitalistas realizam a ruptura entre teoria e prática, decisão e ação, trabalho intelectual e trabalho manual que de imediato são reproduzidas pela escola. Através da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, justifica-se, inclusive, a separação das pessoas em dois grupos. Aquelas que, por terem acesso a uma escolaridade mais extensa, desenvolvem as funções intelectuais e àquelas, que consistem a maioria, caberá o desenvolvimento de tarefas. Acompanha este grupo de pessoas, a justificativa de uma suposta incapacidade para apreender que dispensa maior instrução e experiência. A autora continua sua análise dizendo que o conhecimento oferecido pela escola - separado do mundo real, fragmentado e abordado em matérias isoladas - é reflexo dessa alienação que se solidifica por ser um conhecimento alheio às necessidades e individualidades do aluno, portanto, empecilho para ser associado ao

conhecimento de si mesmo. Enquanto lógica de apropriação do mundo, o conhecimento não é um dado pronto, pois decorre da atividade prática do homem em seu processo de produção e reprodução da vida.

Daí, então, a necessidade de viabilizar as condições de sua apropriação através de uma orientação pedagógica, e para isso a necessidade do planejamento, que tende a reunificar interesses subjetivos e dados objetivos, aspectos sensíveis e racionais. Enfim, uma educação que proporcione, através de uma relação dialeticamente estabelecida entre forma e conteúdo, a unidade entre teoria e prática, pois, desenvolver a prática pedagógica nos seus aspectos de relação dialética entre forma e conteúdo ou nas palavras de Rays (1999) entre "ação pedagógica" e "saber escolar", torna-se imprescindível para a superação da dicotomia entre teoria e prática predominante na prática pedagógica e especificamente na prática pedagógica em Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

- ÁRIES, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARROYO, M. O significado da Infância. SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Brasília, MEC/SEF/COEDI, **Anais**, 1994.
- BRACHT, A. A prática pedagógica em Educação Física: A mudança a partir da pesquisa-ação. CONBRACE, 11, Caxambu, **Anais**, 2001.
- CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- ESCOBAR, M. O. **Transformação da Didática: construção da teoria pedagógica como categorias da prática pedagógica: experiência na disciplina escolar Educação Física**. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 1997.
- FREITAS, L.C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física 1**. Ijuí, Unijui, 1998.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 4. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 1985.
- PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

RAYS, O. A. **Trabalho pedagógico**: Realidades e Perspectivas. Porto Alegre: Sulina, 1999.

REGO, T. C. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

VIGOTSKY, L.S. **A formação Social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1993.

Quadro 1 - Respostas dos estagiários do currículo antigo

Estagiários do currículo antigo	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Questão 5	Questão 6
Estagiário A	Ginástica I e II, Didática Especial	Sim	Sim	A partir do conteúdo fornecido pelo orientador	Esquema corporal, orientação espaço/temporal, coordenação motora	A EF é responsável pela parte psicomotora
Estagiário B	2º semestre – Ginástica 6º semestre – Didática Especial	Sim	Sim	Assunto pré-determinado, incluindo outros para motivar as aulas	Separar a aula em parte inicial, principal, final	A EF deve enfatizar a aprendizagem motora
Estagiário C	2º semestre – Ginástica II 5º e 6º semestres – Didática	Sim	Sim	De acordo com interesse da turma	Não	A EF de forma lúdica, incentivando a socialização e o respeito entre colegas
Estagiário D	1º semestre – Ginástica I, Didáticas	Sim	Sim	Selecionando a partir do conteúdo fornecido pelo orientador	Não	EF como forma de adquirir hábitos saudáveis e educação psicomotora
Estagiário E	3º e 5º semestres – Didáticas	Sim	Sim	Dentro da Educação Psicomotora	Abordagem psicomotora, sem competição	Promover a socialização, construção da personalidade, coordenação motora
Estagiário F	5º e 6º semestres – Didáticas, Organização Escolar 7º semestre – Prática de Ensino	Sim	Sim	Na prática de ensino já vem conteúdo pré determinado	Sei que existe mas não sei explicar sem auxílio de livros	Através da educação psicomotora desenvolve aspectos afetivos, motores, sociais, sem padrão de movimento
Estagiário G	5º e 6º semestres – Didáticas	Sim	Sim	Pela escola	Não entendo	A EF é fundamental nos anos iniciais
Estagiário H	6º e 7º semestres – Organização Escolar, Didáticas, Práticas de Ensino	Sim	Sim	Segundo o ciclo de maturidade	Não tenho certeza	A EF deve ser lúdica, inclusiva, que proporcione aptidões motoras

Quadro 2 - Respostas dos Estagiários do Currículo Novo

Estagiários do currículo novo - Licenciaturas	Questão 1	Questão 2	Questão 3	Questão 4	Questão 5	Questão 6
Estagiário UM	4º semestre – Didática, Estágio Supervisionado	Sim	Sim	A partir da necessidade da turma	Não respondeu	A EF e infância devem andar juntas, pois é onde obtemos melhores resultados
Estagiário DOIS	3º e 4º semestres – aprendizagem motora, didáticas	Sim	Sim	De acordo com o orientador de estágio	Não	A EF é fundamental no desenvolvimento da criança no aspecto motor, social e afetivo
Estagiário TRÊS	Não lembra	Sim	Sim	De acordo com o plano de estudo da escola e dos interesses da turma	Não exatamente	A EF deve oferecer o maior número de vivências para conhecer seu corpo e o mundo à sua volta.
Estagiário QUATRO	1º semestre – Ludicidade 3º semestre – Didática 5º e 6º semestres – Estágio Supervisionado	Sim	Sim	A partir do orientador do estágio e do plano de estudo da escola	Tenho dúvidas em relação as abordagens	Desenvolve a consciência corporal, conhecimento cognitivo, afetivo.
Estagiário CINCO	3º semestre – Didáticas 5º, 6º e 7º semestres – Estágio Supervisionado	Sim	Sim	De acordo com o material disponível e interesse da turma	De acordo com a necessidade da turma, não me detenho em nenhuma	A EF deve proporcionar a criança maior número de vivências de movimento com e sem material. Não existe certo e errado, ganhador ou perdedor. Não existe padrão de movimento.
Estagiário SEIS	1º semestre – Currículo em EF 3º semestre – Didáticas 4º semestre – Seminário de metodologia da pesquisa 6º semestre – Seminário Gestão de eventos esportivos e culturais	Sim	Sim	Preferência do aluno e Plano Nacional de Educação	Não respondeu	A EF deve abranger o máximo de possibilidades para desenvolvimento do aluno. Etapa que a criança tem necessidade de aprender coisas novas.

Simone Gema Pozzebon
 Rua: Clemente Pinto, 285/401.
 CEP: 97110-190 - Santa Maria, RS
 Telefone: (55) 3225-5770
 E-mail: simonepozzebon@hotmail.com